

TEMPLO DE S. DOMINGOS NOS FESTEJOS REAES.

Foi entregue aos senhores Rambois e Cinatti, a decoração d'este esplendido templo.

Na parte exterior, em frente da sua entrada principal, levantou-se um peristillo para o prestito real, cuja estampa damos.

Era da ordem composita. Oito columnas a branco e oiro supportavam os entablamentos com as armas unidas dos augustos esposos, alternadas com escudos em que se assentaram as cifras P. E.

Era tudo forrado a damasco, e assim tambem a armação do templo.

Os intercolumnios das capellas estavam revestidos com riquissimos brocados.

Na capella-mór, cuja armação era do mesmo genero, fez-se no lado do evangelho o throno dos regios esposos; e á ilharga d'este a sede episcopal.

Em frente do throno ficava a tribuna real, e em seguida outra destinada para as pessoas do cortejo empregadas no paço.

Havia tambem na mesma capella-mór ainda outra tribuna para o cabido, ministros, conselheiros de estado effectivos, e titulares de primeira grandeza.

Fóra da capella-mór, no arco cruzeiro, que d'um e d'outro lado se revestiu com elegantes

AGOSTO, 28, 1858.

VOL. II. — 4.ª SERIE.

C. M. L.
GABINETE
DE LOS UDOS
OLISIPONENSES

brocados e telas, levantaram-se mais duas grandes tribunas.

A da parte do throno era subdividida para o corpo diplomatico, e notabilidades estrangeiras, e a do lado opposto para a cõrte e tribunaes.

A camara municipal tinha o seu logar em frente da grande tribuna do corpo diplomatico.

O corpo da egreja estava subdividido em duas grandes secções para as pessoas que concorressem ao acto.

Todas aquellas tribunas, e as molduras da egreja, eram decoradas egualmente com escudos e esferas.

Para a irmandade destinaram-se-lhe logares nas varandas que ha na mesma egreja, por cima das capellas.

Uma vistosa grinalda de flores artificiaes atravessava o cruzeiro, pendendo elegantemente no arco principal da capella-mór.

N'esta, o seu magnifico retabolo, e excellente estatuaria, foram aproveitados com muito gosto para os ornamentos de brocados, damascos, e veludos.

O cõro da egreja, revestido do mesmo modo com aquelles riquissimos estofos, era de um effeito surprehendente.

VINGANÇA POR VINGANÇA.

IX

MANUSCRITO DO PADRE GASPAR.

Continuação

Margarida era uma velha de setenta e tantos annos, porém com todos os signaes de uma velhice sadia.

A mulher ficou aterrada quando ouviu aquelles gritos, pensando logo que a sua boa filha (como ella chamava a Beatriz) era victima da brutalidade d'algun estranho.

Tambem Joaquim não estava a este respeito muito tranquillo, e seguia com um olhar que denotava inquietação, todos os passos e acções da sua madrinha.

O outro pequenito chorava assustado.

Beatriz conheceu a admiração de Margarida, e tratou immediatamente de a socegar.

—Este senhor, boa Margarida (lhe disse conduzindo-me pela mão á velha, que ainda não tinha passado de entre portas), é aquelle mancebo de quem por vezes vos fallei, o senhor Gaspar, para mim já um velho conhecimento.

Não passarei em silencio as sensações que então experimentei, ouvindo pronunciar o meu nome.

Ella sabia-o; e para isto devia ter interrogado alguém. Vi n'isto uma inequivoca prova do interesse que lhe causava, e no orgulho do meu coração de mancebo traduzi esse interesse em amor.

Por isso aquellas palavras foram um raio de alegria, que me penetrou na alma.

Margarida fez-me uma mesura, e continuou a andar até uma cadeira, onde se sentou. Depois disse:

—Sejaes bem vindo a esta casa, senhor. Minha filha já me havia fallado de vos, e com tanto interesse, que eu, sem vos conhecer, já vos estimava muito pelas vossas boas qualidades.

—As minhas qualidades, senhora Margarida, repliquei eu alguma coisa confuso, essas que me suppõe, devo-as eu aos favores e elogios d'esta senhora. As que em mim conheço e confesso, se confessar as posso sem nota de orgulho, são as do coração.

E colloquei a mão sobre o peito, e dirigi a vista para Beatriz.

Ella comprehende-me porque disse:

—E quaes melhores? Bem sabeis que se diz de uma pessoa, segundo as acções que pratica, que essa pessoa tem bom ou mau coração. Para mim o coração é a sede das paixões. Boas ou más, é ahí que teem a sua origem... Mas deixemo-nos de philosophias que temos outras coisas a tratar.

—Então retiro-me, disse Margarida, dando signal de se querer levantar.

—Não, disse Beatriz detendo-a, preciso de vós aqui. O que tenho a dizer não é segredo. Mesmo que o fosse, não o seria de certo para vós que me haveis servido de mãe.

A velha abraçou e beijou a sua filha adoptiva.

Esta, obrigando-me a tomar uma cadeira, e assentando o pequenino no seu regaço, continuou:

—Por certo, senhor, que vos causaria admiração ouvir-me ha pouco repetir o vosso nome. Comtudo não foi preciso nem empregar sortilegio, nem fazer pergunta indiscreta para o saber. N'aquella mesma tarde em que pela primeira vez nos encontrámos, estareis lembrado que troquei o meu livro pelo vosso. Queria saber o que lieis, e como repentinamente acordasseis, levei-o comigo sem dar por tal, senão quando vi que já não era perseguida. Na primeira folha em branco achei escripto um nome, e suppuz logo ser o vosso. Assim ficou satisfeita a primeira curiosidade de mulher. Interroguei depois alguém, e soube o vosso modo de viver, estudos e educação, tive conhecimento da vossa familia, e dos seus projectos a vosso respeito. N'esta indagação colhi excellentes informações do vosso caracter e inclinações, e devo confessar que me gloriei—gloriei-me, acrescentou baixando os olhos, porque devo tambem dizer-vos que nas minhas excursões no presente estio, já muitas vezes vos havia visto, e não pude defender-me de vos estimar.

—Ah! senhora! E que uso deverei fazer d'essa declaração que põe o remate á minha felicidade! Se ha pouco me tivesséis fallado assim, haver-me-hia contido nos limites do respei-

to que sempre e filho da esperança. Humilhado e confuso reconheço agora a minha falta, confesso-a, e quero expial-a. Offereço-vos a minha vida toda, para ao cabo d'ella ouvir pronunciar o meu perdão.

«—E' facil perdoar quando a offensa não fere o coração. Da vossa unicamente eu fui causa. Mas quero fallar-vos com franqueza e sinceridade. Direis depois se tenho, ou não, motivo para reccar dar largas a um sentimento, que talvez um dia pode ser fatal a ambos.

«E continuando, disse:

«—Soube depois as diligencias e esforços que fazeis para descobrir quem eu era. Quanto maior era o vosso empenho n'essas pesquisas tanto maior era o meu cuidado em occultar-me. Talvez ainda hoje não estivessemos aqui reunidos, se o acaso ou a fatalidade de ambos não guiasse os vossos passos.

«—Dizei antes o instincto, o amor, ou o coração, porque Deus fadou os entes com o presentimento que os leva a adivinhar as desgraças e as venturas. Ainda ha pouco, qual o viajero errante, perdido no meio da tormenta, sem ter uma estrella que no horisonte guiasse os meus passos, e quasi desanimado n'esta empresa que me propozera de vos encontrar, sentia uma voz occulta no coração que me dizia:—ávanté! Sentia uma esperança vaga e indefinida, mas que sempre me perseguia, porque eu tinha de vos encontrar um dia. A' vista d'esta casinha senti um impulso no coração, que não soube definir. Era o presentimento de que estaveis aqui. E não me enganei!

«—Seja como dizeis. Não quero questional-o. Quasi que podia corroborar a vossa doutrina com o que experimentei. Tambem eu tive um presentimento, e foi elle que me fez escrever n'este papel algumas palavras (acrescentou, tirando da algibeira uma carta.) Porém antes de vol-o entregar, ainda pela ultima vez uma supplica:—esqueçamos as illusões em que temos vivido; esqueçamo-nos para sempre um do outro, para felicidade de ambos.

«—Já não é possível. Afora isso ordenae o que vos aprouver, impoñde quantas restricções quizerdes, porém não mandeis que vos não veja, nem que vos não ame.

«—E comtudo uma d'essas coisas é a primeira condição que vos imponho, se acaso não desistis dos vossos projectos. Tenho a pedir-vos que não procureis saber onde moro, e que nunca sigaes meus passos. O mysterio deve rodear-me: até um certo dia tenho por lei do destino curvar-me a elle. Como sei que dentro em breve partis para a cidade, lembro-vos tambem que se ahí me encontrardes, pois n'ella habito, façaes que me não conheceis. A menor indiscrição romperá as nossas relações.

«—Então heide ser condemnado a nunca mais vos fallar ou ver? Isso é barbaro, senhora... isso é o mesmo que desejar fazer-me toda a vida desgraçado!... Se ao menos fosse limitado o

tempo do sacrificio, e ao cabo de alguns annos podesse antever uma esperança, essa me resignaria, e enquanto passavam sobre mim esses seculos de tormento, já de antemão veria ao cabo d'elles alguns momentos de ventura. Não sendo assim, as vossas ordens são um impossivel, e declaro finalmente que as não posso cumprir.

«—Não disse tanto. Havemos encontrar-nos aqui uma vez por mez; porém uma só, entendeis?... Será um dia roubado á tristeza que habitualmente me consome; e espero que não tenha a arrepende-me. Quem como eu tem esgotado até ás fezes o calix da amargura, deve ser avarenta dos seus momentos de felicidade, e a felicidade eu a busco no vosso amor. Aceitae? perguntou ella erguendo-se, e limpando uma lagrima que se lhe desprende das palpebras.

«—Acceito, e tom reconhecimento; disse eu beijando a mão que estendia para me entregar a carta que tirou da algibeira.

«—Bem. Esta arremeçada a pedra, oxalá não resvale até ao fim do abysmo!... Se depois da leitura d'este papel não fôr digna do vosso amor, desligo-vos d'essas promessas, e só peço que lastimeis uma desgraçada. Se porém os meus infortunios excitarem compaixão em vossa alma, e não me fizerem desmerecer d'essa estima que me enobrece, então, senhor, ser-vos-hei eternamente reconhecida, e amar-vos-hei como a meu Deus, porque este coração precisa amar, e muito! A minha sentença depende d'essa leitura. Mas seja ella qual fôr, não a quero saber senão de hoje a um mez. Se tem de lançar-me o stygma do vosso desprezo, e trazer o sello da minha desgraça, quero ainda até esse momento gosar um mez de esperanças, embora ao cabo d'esse tempo se me acabe a illusão—se fôr para mim a sentença da felicidade, quero ter um mez de anciedade para melhor sentir a hora da ventura. O momento da felicidade nunca vem cedo... Agora adeus. Até de hoje a um mez.

«—Até de hoje a um mez, repeti eu como um insensato... Protesto comtudo, que a despeito do segredo que este fatal papel possa encerrar, a despeito até mesmo de um crime, heide sempre amar-vos.

«Mas estas palavras já ella as não pôde ouvir, porque precipitadamente se retirara acompanhada de Margarida, e levando ao collo o pequenino.

«E vi lagrimas nos seu olhos.

«Vieram cair-me sobre o coração, porque então já eu a amava, e muito!

Continua.

O ENXOVAL DA INFANTA D. BEATRIZ. DUQUEZA DE SABOYA.

Os romanticos amores do infeliz Bernardim Ribeiro, as suas *Saudades* tão sentidas, aquellas saudades expressadas com tanta força e elegan-

cia em tão doces e suaves poesias, fizeram conhecido no paiz, em todas as edades d'então para cá, o nome da formosa filha d'el-rei D. Manuel. E modernamente a mimosa producção dramatica do nosso insigne poeta Almeida Garrett tornou esse nome popular em toda a extensão do solo portuguez.

Com tal fundamento julgamos que será bem recebido o documento, que vamos reproduzir. Como documento historico, além de curioso, é importante, pois que dá bom testemunho da grandeza d'animo d'el-rei D. Manuel, da magnificencia da sua côrte, e dos recursos de que o estado dispunha n'esse reinado. Como documento archeologico é de muita valia para o conhecimento dos costumes d'essa epoca tão memoravel da historia portugueza.

Nas descripções minuciosas dos variadissimos vasos e mais peças de oiro e prata, que formavam a baixella da infanta, poderão achar os nossos artistas muitas indicações proveitosas, não só pela variedade de invenções, mas também, e principalmente, porque ao presente os artistas estrangeiros, mais distinctos n'aquelle ramo das bellas artes, comprazem-se em imitar as producções dos ourives dos seculos xv e xvi.

Nas descripções das joias, vestidos, roupas brancas, adornos e utensilios de casa, e outros objectos de que se compunha o enxoval, encontrarão muitas noticias interessantes e uteis as pessoas que escrevem para o theatro, as que dirigem o vestuario e decorações dos mesmos, e também as que se dedicam aos romances de historia portugueza, pois que nem todos terão conhecimento, ou facilidade de consultar a obra d'onde copiamos o referido documento.

I. DE VILHENA BARBOSA.

Dona Beatriz, duqueza de Saboya, infante de Portugal etc. Faço saber a vós vedores da fazenda d'el-rei meu senhor e irmão, e aos contadores de sua casa, que Alvaro do Tojal, meu thesoureiro, deu cá sua conta com entrega de toda a prata, joias d'oiro, pedras, e perolas, tapeçaria, ornamentos de minha casa, cama, e capella, e assi de todas as outras coisas de minha dote, que lhe em Portugal foram entregues, e se acharão carregadas sobre elle no livro de sua receita, a qual fazenda, e coisas são as seguintes.

Primeiramente duas fontes de prata doiradas, todas lavradas de bastiães, ambas de uma sorte e feição, com seus esmaltes d'armas de Portugal, e Saboya, e junto d'elles tres meios corpos com rotulos aos pescoços; uma d'ellas com gargalo de cabeça de menino, e cano na bocca, que pesa treze marcos e quatro oitavas, e a outra sem gargalo, que pesa quatorze marcos e duas oitavas.

Um bacio de agua ás mãos de prata doirada, todo lavrado de bastiães com esferas e escudos d'armas pela borda, e tem no fundo uma cerca de rocha com seu esmalte da divisa da es-

phera, o qual pesa quinze marcos e tres oitavas.

Outro bacio d'agua ás mãos de prata da mesma feição e sorte, com suas armas no meio assi mesmo da divisa da esphera, sómente faz differença no cordão, que não é tão enlevado; o qual bacio pesa quatorze marcos e tres oitavas.

Duas fontes de prata lavradas de bastiães pela borda e no fundo, e folhagem doirada n'elles, e o corpo picado branco com uma tebe ao redor doirada com seus esmaltes nos fundos das armas de Portugal e Castella, uma d'ellas com sua gargala quadrada de dois canos, as quaes pesam ambas juntamente vinte e oito marcos, uma onça, e quatro oitavas.

Um bacio d'agua ás mãos de prata, com as bordas e o fundo doirados, e lavrados de bastiães e folhagem, e o corpo de dentro branco, lavrado de pontas de diamantes com seu esmalte d'armas de Portugal e Saboya, que pesa oito marcos e meia oitava.

Outro bacio d'agua ás mãos de prata, doirado de dentro, lavrado de cinzel baixo, com seu esmalte das armas de Portugal e Saboya, o qual pesa seis marcos, tres onças, e meia oitava.

Duas jarras de prata, feição de canas de navio, doiradas em partes com seus canos de cabeças de adens, e com suas coberturas, azas, e cadelinhas; ambas de uma sorte e feição, as quaes pesam vinte e oito marcos e tres onças.

Dois gomis de prata, doirados todos, ambos de uma sorte e feição, lavrados em partes de folhagem de meio relevo, e tem os bicos de peixes, e azas de lagartos com uma lagartixa cada um na bocca, e seus escudos das armas de Portugal e Castella nos bicos em baixo, e pinhões de esmaltes azues entre umas folhas, os quaes pesam trinta e tres marcos e seis onças.

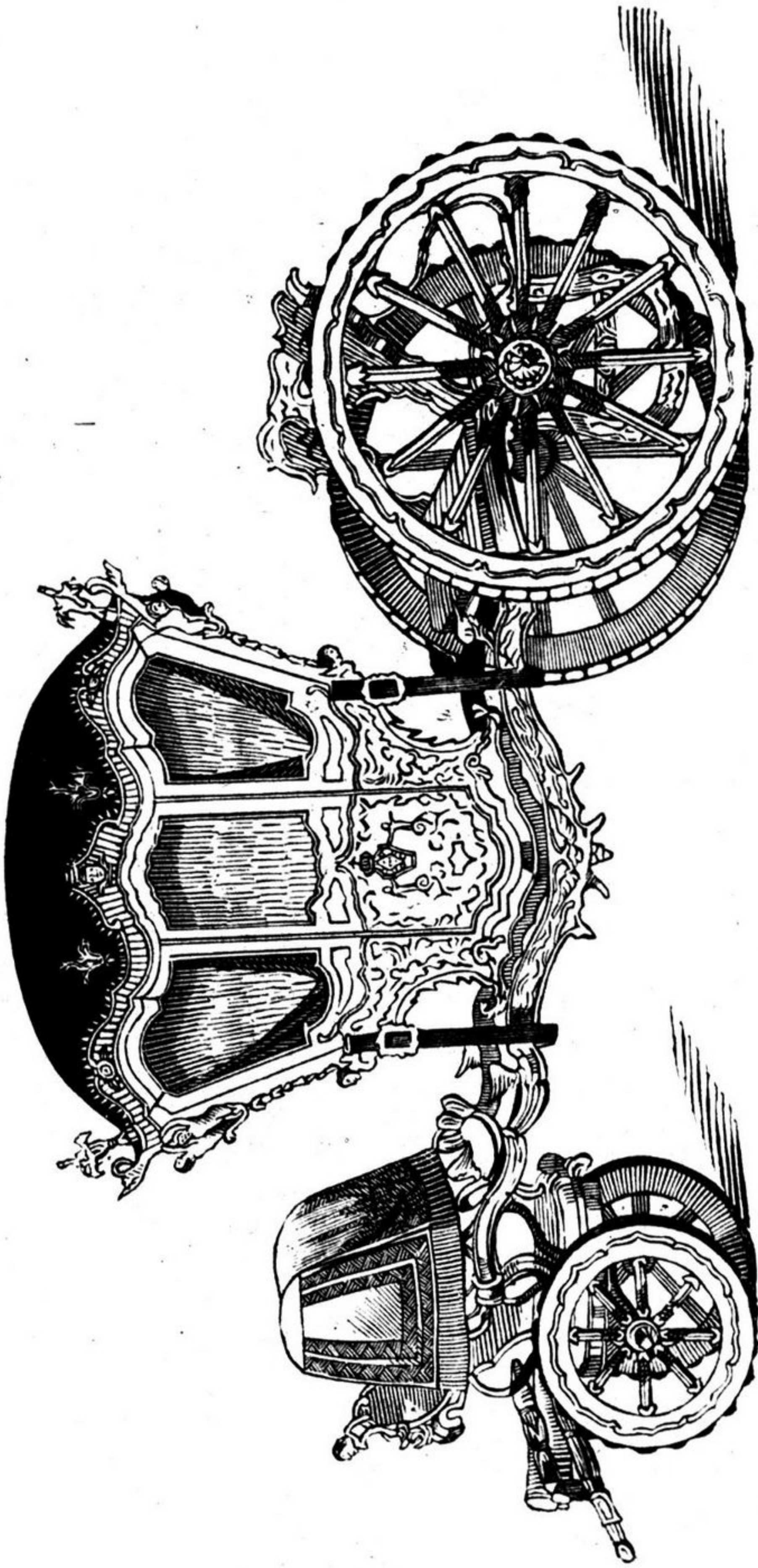
Um gomil de prata todo doirado, lavrado de folhagens de arrazes, e a cobertura de alcachofras, e no bico outra alcachofra com sua semente de esmalte, e outro esmalte pelo bico, e dois pelas ilhargas da aza até a cima da cobertura uma semente de alcachofra com agua de S. João; pesa dez marcos, quatro onças, e seis oitavas.

Outro gomil de prata, todo doirado, com o corpo lavrado de folhagem alta, e o colo de alcachofras, com o bico de serpe e as azas na cabeça, e seu esmalte de laço branco, o qual pesa dez marcos e tres oitavas.

Outro gomil de prata, branco, lavrado de meias canas, com um escudo das armas de Portugal e Castella no bico, e um pinhão feição de jarrinha romana, o qual pesa seis marcos, uma onça, e quatro oitavas.

Outro gomil de prata pequeno, lavrado de amagos, um branco e outro doirado, e o pé e o colo de meias canas cavadas. Tem na cobertura um pinhão feição de jarrinha romana, o qual pesa quatro marcos, seis onças, e cinco oitavas.

Uma copa de prata grande, doirada de dentro, e de fora lavrada de folhas de carrasco com



COCHE REAL (vide n.º 28.)

sua coroneta na sobrecopa, e tem por pinhão uma semente esmaltada d'azul entre umas folhas, a qual pesa quinze marcos, tres onças, e cinco oitavas e meia.

Uma copa de prata, com sua sobrecopa, doirada de dentro, e de fora lavrada de meias canas, bastiães, e folhagem entre ellas, com sua coroneta, e uma alcachofra por pinhão: pesa sete marcos, cinco onças, e cinco oitavas e meia.

Uma copa de prata com sua sobrecopa toda doirada de dentro, e de fora lavrada de meias canas direitas, folhagem, e bastiães entre ellas, e na sobrecopa bastiães e seu pinhão de jarrinha romana com dois esmaltes, a saber, um na copa, da divisa da esphera, e outro na sobrecopa de uma rosa azul e verde, ambos de dentro. Pesa onze marcos, seis onças, e tres oitavas.

Duas copas grandes de prata todas doiradas, lavradas de bastiães, e romano, ambas de uma sorte e feição: tem cada uma no pé uma coroneta, quatro espheras, e quatro cruces de Christo; e em cima, no corpo, tem, uma as sete virtudes, e a outra os sete peccados mortaes. Tem por pinhões jarrinhas romanas, e abaixo d'ellas quatro bichinas cada uma. Pesaram, a saber, uma dezenove marcos, seis onças, e sete oitavas; e a outra dezenove marcos, e quatro oitavas.

Uma copa de prata doirada, lavrada de meias canas redondas, e entre ellas folhagem e bastiães com dois esmaltes, um na copa, e outro na sobrecopa, ambos de dentro, e com seu pinhão feição de jarrinha romana. Pesa treze marcos, duas onças, e duas oitavas.

Outra copa de prata de Alemanha, pequena, liza, doirada toda de dentro e fora, posta sobre tres pes d'aguia, e por pinhão na sobrecopa uma ponta de diamante entre umas folhas, e com tres coronetas, a qual pesa tres marcos e sete oitavas.

Outra copa de prata, doirada toda de dentro e de fora, com um pinhão feição de pera chão, a qual pesou tres marcos, duas onças, e duas oitavas.

Duas copas de prata, doiradas de dentro e de fora, com suas sobrecopas lavradas em partes de cinzel baixo, com pinhões feição de jarrinhas romanas; pesam ambas dez marcos e duas onças.

Quatro copos de prata com pés, que tem os fundos lavrados de obra de alcachofras, doirados n'elles, nos pés, e bordos; cada um a divisa da esphera no meio. Pesam todos juntamente vinte e um marcos, cinco onças e cinco oitavas.

Outros quatro copos de prata, doirados de dentro, lavrados de colheres com seus esmaltes corridos de rosas azues e roxas; os quaes pesam juntamente todos quatro, treze marcos, tres onças, e tres oitavas.

Duas taças de prata grandes, de pés, doiradas de dentro, e de fora pés e bordas lavrados d'alcachofras com as sementes de esmaltes azues, e com seus esmaltes da divisa da esphera nos meios. Pesam ambas juntamente onze marcos.

Outras duas taças de prata pequenas, de pés,

uma picada, e outra de pontas de diamantes, lavradas no fundo de romano, doiradas de dentro, e de fora pés e bordas sómente; com seus esmaltes nos fundos. Pesam ambas quatro marcos, uma onça, e cinco oitavas.

Quatro taças de prata grandes, doiradas de dentro e de fora, pés e bordas lavrados de bastiães, a saber, uma da historia de Troya, que tem no corpo uma cidade, cavalleiro, e uma tenda, e no fundo cinco profetas, e cinco pilares. Outra da historia de Celestina, e quatro pilares com duas casas com senhas, arvores ao pé, e no fundo seis evangelistas. Outra da historia de santa Suzana, que tem seis pilares, em cada um seu delfim em cima, e no fundo as cinco virtudes em cinco pilares. E a outra da historia de Hippocrates e Galiano, que tem seis pilares, e um homem que está curando uma mulher de uma teta, e outro que está bebendo por uma puçarra com um cão aos pés. Todas quatro pesam vinte marcos e sete oitavas.

Continua.

SAUDAÇÃO.

AOS ESPONSAES DE SUA Magestade EL-REI O SENHOR
D. PEDRO V COM SUA Magestade A RAINHA
A SENHORA D. ESTEPHANIA.

Recitada no theatro da rua dos Condes na segunda noite dos festejos reaes.

Os hymnos que o povo entôa,
N'esta festa nacional,
Dizem que o throno e a corôa
Do reino de Portugal
Mais outra joia, outra gloria
Tem, que as paginas da Historia
Hade em breve enriquecer.
Esta augusta e nobre alliança
Traz á Casa de Bragança
Esp'rança, amor e prazer.

Este povo alvoroçado
Saúda a escolha feliz,
Que d'El-Rei assenta ao lado
Quem com Elle ame o paiz.
Pode agora a Magestade
A causa da liberdade
Dar mais viço e mais fulgor,
Que tem o solio repleto
Dos seus vassallos co' o affecto,
Rainha, com o vosso amor!

A nação que vos acclama,
Opulenta em tradições,
E' terra que deu um Gama,
Que deu Garrett e Camões:
Rainha, podeis amal-a,
Vêde em torno tanta gala,
Vêde o ardor dos votos seus
Tanta esperança virente...
Quem saúda assim não mente,
Voz do povo é voz de Deus!

Aos hymnos que o povo entôa
 N'esta festa nacional,
 Que dizem que o throno e a c'róa
 Brilham mais de Portugal;
 Junta o artista pressuroso
 No alegre brado esp'rançoso
 A festiva saudação.
 Viva El-Rei e a Augusta Espôsa.
 Que já presente extremosa
 O contente coração!
 Viva El-Rei! Viva a Rainha!
 Brada alegre o coração!

Donzella é hoje que se ajunta um dia
 A curta idade que te faz louçã.
 E o dia é bello pois te inunda à vida.
 Aurora amena de gentil manhã.

E os teus e todos que contigo tratam.
 Contentes vejo, n'este dia teu,
 Trazerem ramos de amizade flores
 E aos pes depol-os da que hoje nasceu!

Se mais um anno da existencia foge
 Que importa, virgem, deixa-o tu fugir;
 Do teu presente surgem novas flores
 Que esp'ranças brotam de melhor porvir.

E' livro a vida, minha virgem bella,
 E ás vezes livro que traduz a dôr
 O meu tem tantas, tantas folhas negras,
 Por mim tão lidas, ai! que as sei de côr.

O teu, donzella, sei eu bem que encerra
 Nas brancas folhas da ventura a côr.
 Em cada uma que folheias, virgem,
 Se encontra escripto, «*pez, fortuna, amor!*»

Que muitas folhas inda tenha o livro
 Que muitas volvas, e sem n'ellas ver
 Se quer um caso que te faça o pranto
 D'esses teus olhos com pesar correr!

E' este o voto que do fundo d'alma
 Por ti, ó virgem, eu elevo a Deus;
 Que Deus realise teus doirados sonhos,
 Que mundo e vida te pareçam ceos!

Que os braços sempre de teus paes encontres
 Cingindo, alegres, com desvelo e ardor
 Unico o fructo, que resume agora
 A terna historia d'um constante amor!

MENDES LEAL (ANTONIO).

NOTICIA SOBRE A SANTA CASA DA MISERICORDIA DE LISBOA.

A irmandade da misericordia, segundo as melhores autoridades, foi instituida por fr. Miguel de Contreiras, padre trino e confessor da rainha

D. Leonor, mulher de D. João II, em Agosto do anno de 1498, governando então D. Leonor o reino, por estar ausente em Hespanha n'essa epoca D. Manuel, seu irmão. Deu-se compromisso por el-rei em 29 de Setembro do mesmo anno. Foi seu primeiro provedor o mesmo padre Contreiras, e em 20 de Dezembro de 1516 se publicou pela imprensa o compromisso.

Em Janeiro de 1518 era provedor da misericordia Henrique Pestana; e nos annos de 1519 e 1520 era Duarte Borges, o que consta por carta de el-rei D. Manuel expedida em 8 de Dezembro do anno de 1519.

Damião de Goes na chronica de el-rei D. Manuel (Part. 4. cap. 26) diz o seguinte: «Esta virtuosa e catholica rainha instituiu a confraria da misericordia n'estes reinos, sendo regente d'elles no tempo que el-rei D. Manuel seu irmão era ido a Castella, com a rainha princeza D. Isabel, sua mulher, a fazerem-se jurar por principes d'aquelles reinos, para a qual confraria el-rei D. Manuel deu de juro cada anno d'esmola um conto de réis, para entretenimento dos orphãos, e quinhentos mil réis para outras obras pias.»

Pedro de Mariz nos seus «Dialogos da varia Historia» (Dialogo 4. cap. ultimo) reproduz tambem a mesma opinião, que não é inexacta, em quanto a epoca, mas certamente o é em relação a pessoa do instituidor.

Eis o que escreve Duarte Nunes de Leão na chronica de D. Sancho I. (Pag. 53—edição de 1677): «Nem se deve ter menos fructo d'esta ordem as obras de misericordia, que se n'esta cidade e em todo o reino fazem por irmandade d'ella, que fr. Miguel de Contreiras frade da mesma ordem, e confessor da rainha D. Leonor instituiu de principio, sendo elle o autor e executor d'ella. O qual tomou por officio pedir por sua propria pessoa esmolas para remir os que eram captivos, curar os que eram enfermos, soltar os que eram presos, alimentar os pobres, casar os orphãos, sustentar as viúvas, e persuadir a el-rei D. Manuel, que creasse casas de misericordia e lhes appropriasse rendas, e desse privilegio. Por o que é a mais celebre confraria da christandade. Cujos traslados são as mais confrarias da misericordia que ha n'este reino, e no Algarve, nos logares de Africa nossos, nas ilhas, no Brazil, na India, e em todos os senhorios de Portugal. Por cuja perpetua lembrança nas bandeiras das confrarias da misericordia de todas as ditas partes se traz a imagem de fr. Miguel Contreiras com letras que mostram ser elle o instituidor. Pelo que com razão se pode esta ordem chamar fabricada por Deus de cujos religiosos taes obras procedem.»

Fr. Luiz de Sousa, na primeira parte da sua chronica de S. Domingos, explica de differente modo a origem d'esta instituição. Conta elle que alguns cidadãos de Lisboa, que passeavam no adro da sé, viram passar um padecente para o qual se implorava a misericordia de Deus, e

que d'ahi lhe nascera o pensamento de fundar a irmandade da misericordia.

Fr. Nicolau de Oliveira no seu livro «Grandezas de Lisboa» (Capitulo III, pag. 109—edição de 1620) tambem attribue a fr. Miguel a instituição da misericordia. Eis as suas palavras: «e debaixo d'este manto se recolheu de uma parte o summo pontifice, e á sua mão direita um religioso da ordem da Santissima Trindade com tres lettras na borla do seu habito, que são F. M. I. e querem dizer fr. Miguel instituidor, por este religioso haver sido o que instituiu esta tão illustre e caritativa irmandade em 15 de Agosto de 1498.»

A irmandade constava de seiscentos e vinte irmãos sendo trezentos nobres, trezentos homens de officio, e vinte letrados, sendo el-rei o protector. Quando Philippe II chegou a Almada, no anno de 1581, o provedor que era D. Francisco de Sá, conde de Mattosinhos, e a mesa, entenderam que deviam mandar dois irmãos, um nobre e outro plebeu, para convidarem o rei a ser irmão e protector da irmandade. Philippe II acolheu-os benignamente, e quando, ao despedirem-se, se iam pôr de joelhos para lhe beijarem a mão pela mercê, que lhes fazia, o rei não lh'o consentiu, dizendo-lhes: »Tende-vos: quando chegastes me beijastes a mão como a vosso rei, agora que sou vosso irmão, não tendes para que useis da mesma cerimonia.»

Em seguida apresentamos a relação, que encontramos n'um manuscripto dos principios do seculo passado, dos provedores que teve a casa da misericordia até ao anno de 1729.

Relação dos provedores que tem sido da santa casa da misericordia desde o anno de 1533, tempo em que a confraria e irmandade da dita santa casa passou da sê:

- 1533. O devoto D. Pedro de Moira do conselho de el-rei.
- 1534. O mesmo.
- 1535. Ruy Figueira.
- 1536. Idem.
- 1537. Idem.
- 1538. D. Alvaro da Costa do conselho de el-rei.
- 1539. Idem.
- 1540. Idem.
- 1541. D. Duarte da Costa.
- 1542. Affonso de Albuquerque.
- 1543. Idem.
- 1544. Fernão da Silveira.
- 1545. Bernardino de Tavora.
- 1546. Affonso de Albuquerque.
- 1547. Ruy de Sousa.
- 1548. D. Garcia de Sá.
- 1549. D. Francisco de Noronha.
- 1550. Manuel de Albuquerque.
- 1551. Fernão da Silveira.
- 1552. Christovão de Brito.
- 1553. Affonso de Albuquerque.
- 1554. D. Francisco de Noronha.

- 1555. D. Luiz de Lencastre, irmão do duque de Aveiro, e neto de el-rei D. João II.
- 1556. D. Affonso de Lencastre.
- 1557. D. Affonso de Noronha.
- 1558. Affonso de Albuquerque.
- 1559. D. Alvaro de Mello, neto do marquez de Ferreira.
- 1560. D. Duarte da Costa.
- 1561. Martim Affonso de Sousa.
- 1562. D. Antonio de Noronha.
- 1563. D. Sancho de Faro, conde de Odemira.
- 1564. Affonso de Albuquerque.
- 1565. Ruy Lourenço de Tavora (por ir á India por vice-rei foi eleito seu irmão Bernardino de Tavora.)
- 1566. D. Alonso de Mello.
- 1567. D. Luiz de Ataíde (por ir á India por vice-rei lhe succedeu D. Alvaro de Mello.)
- 1568. D. Luiz de Vasconcellos.
- 1569. J. Nunes da Cunha (por se ausentar por causa do mal foi eleito Luiz de Brito em 28 de Julho do dito anno de 1569.)
- 1570. Lourenço de Sousa.
- 1571. Affonso de Albuquerque.
- 1572. D. Pedro de . . .
- 1573. D. Alonso de Mello.
- 1574. D. Diniz de Lencastre, commendador-mór.
- 1575. Ruy Lourenço de Tavora.
- 1576. Affonso de Albuquerque (setima vez).
- 1577. D. Alonso de Mello.
- 1578. Bernardino de Tavora.
- 1579. D. Diniz de Lencastre, commendador-mór.
- 1580. D. Thomaz de Noronha.
- 1581. Francisco de Sá, conde de Mattosinhos.
- 1582. Pedro de Alcaçova Carneiro, do conselho d'estado, e vedor da fazenda.
- 1583. Manuel de Mello, monteiro-mór.
- 1584. D. Diogo de Sousa.
- 1585. D. Diniz de Lencastre, commendador-mór.
- 1586. D. João da Costa.
- 1587. Manuel de Mello, monteiro-mór.
- 1588. D. Luiz de Lencastre.
- 1589. O commendador-mór.
- 1590. D. Francisco Mascarenhas, conde de Villa d'Orta.
- 1591. Fernão Telles de Menezes.
- 1592. Manuel de Mello, monteiro-mór.
- 1593. D. Luiz de Lencastre.
- 1594. Francisco Barreto de Lima Pereira.
- 1595. Fernão Telles de Menezes.
- 1596. Manuel de Mello, monteiro-mór.
- 1597. D. Diniz de Lencastre, commendador-mór: falleceu em 25 de Junho d'este anno; por ser fallecido succedeu-lhe Fernão Telles de Menezes.
- 1598. Francisco Barreto de Lima.

Continua.

LOPES DE MENDONÇA.